

Que pacto é esse?

PEDRO PAULO AMORIM^{1*}

Trazemos aqui diante desse encontro de historiadores nossas novas inquietações sobre o objeto de pesquisa ao qual nos dedicamos nos últimos anos, ou seja, o Espiritismo. Durante o desenvolvimento das pesquisas em torno da realização do nosso mestrado, os fatos relacionados com o Pacto Áureo saltaram aos nossos olhos por diversas vezes. As grandes festas realizadas a fim de comemorarem os 60 anos de sua assinatura mobilizaram o Movimento Espírita Brasileiro de forma excepcional durante todo o ano de 2009.

O Espiritismo como, as demais instituições humanas, incluímos aí as religiões, uma vez que interpretarmos os fenômenos religiosos e as religiões pautados nas pesquisas de Peter L. Berger, que dá a esses fenômenos o entendimento de produtos históricos, portanto, oriundos da ação humana (BERGER, 1985, 38), empenhou-se ao longo do tempo por sua sobrevivência e também pela coesão de sua doutrina e afiliados desde a sua codificação, feita por Allan Kardec, em meados do século XIX. Dessa maneira, ao encararmos a religião como uma construção humana, é forçoso interpretá-la à luz da História Cultural, que segundo Roger Chartier possui como principal objetivo: “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 1990, 16-17). Logo, uma abordagem teórica a respeito do estudo das religiões, do pensamento religioso e das formas de religiosidade em geral, deve levar em conta a historicidade dos fenômenos religiosos.

Ainda apoiados na obra de Chartier, encaramos as representações dentro de uma perspectiva tensional: “as percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas [...]. Por isso esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrência e de competições cujos desafios se anunciam em termos de poder e dominação” (CHARTIER, 1990, 17). O que o autor denomina de “lutas de representações”. Esta característica tensional aproxima a concepção de representação de Chartier da noção das

¹ Mestrando em História pela UFSC.

disputas inerentes à concepção de campo de Bourdieu, com a qual trabalhamos. Além de encarmos o Espiritismo como integrante do campo religioso brasileiro, percebemos a existência de um “campo espírita” em virtude das tensões internas ao próprio Espiritismo evidenciadas por nossas pesquisas. Ao abordamos o campo religioso, o fazemos baseados nas definições de Bourdieu, localizadas no livro *A Economia das Trocas Simbólicas*, reunidas na introdução por Sergio Miceli como:

um campo de forças onde se enfrentam o corpo de agentes altamente especializados (os sacerdotes), os leigos (grupos sociais cuja demandas por bens de salvação os agentes religiosos procuram atender) e o “profeta” enquanto encarnação típica do agente inovador e revolucionário que expressa, mediante um novo discurso e por nova prática, os interesses e reivindicações de determinados grupos sociais. As oposições que esses grupos ocupam configuram um campo de batalha ideológica, expressão da luta de classes e do processo prevalecente de dominação (BOURDIEU, 2001, 34).

Deste modo, campo, para Bourdieu, é um espaço social de dominação e de conflitos, dotado de certa autonomia, definida pela sua própria capacidade de estabelecer as normas de sua produção e reprodução, possuindo também suas próprias regras de organização e de hierarquia (BOURDIEU, 2001, 106 – 119). Conseqüentemente, entendemos o campo espírita como o “local” onde lutam pela hegemonia e pelo poder de produção e reprodução das normas que configuram a existência do próprio campo, instituições como a Federação Espírita Brasileira (FEB), possuidora do maior capital simbólico do campo, as federações estaduais, os centros espíritas e por fim, os espíritas, sendo estes últimos compostos tanto por aqueles que buscam inovar e/ou revolucionar as práticas e representações do campo como também por aqueles que buscam a manter o “status quo”.

Ao encarmos as transformações sofridas pelo Espiritismo, percebemos que de maneira contrária à pretendida por Kardec, aquele se desenvolveu dividido em vários grupos. Ratificando assim, seu caráter permeável, plural, aberto a toda sorte de influências históricas. Dessa forma, aproximamos o Espiritismo da idéia do historiador e pensador católico Émile Poulat quando refere-se ao caráter da Igreja Católica e afirma que: “a Igreja é um mundo” (POULAT, 1986, 9 – 16), afirmação que equipara a Igreja Católica à sociedade em geral, com suas múltiplas facetas.

Uma vez que estudamos o Espiritismo como um campo tensional, onde as fontes institucionais mostram coerência e homogeneidade, procuramos nas mesmas, indícios de posições antagônicas, disputas e tensões, próprias da formação de um campo

qualquer. Assim, a fim de prosseguirmos nesse caminho, restringiremos nossas análises do campo espírita brasileiro à sua parte institucional, deixando de fora outros parceiros que compõem o campo. Portanto, ao analisarmos as tensões endógenas ao campo espírita, destacaram-se aquelas ocorridas em torno de meados do século XX, as quais culminaram com o advento do Pacto Áureo (1949).

As disputas travadas no interior do campo espírita brasileiro entre as diversas correntes que o compunham, como por exemplo, científicos e místicos¹ ou entre Kardecistas² e Roustainguistas,³ desde a década de 1880, foram responsáveis pela criação de vários impedimentos à união do Espiritismo.

As três primeiras décadas do século XX foram marcadas por intensas lutas no interior do campo espírita brasileiro em busca de sua organização e pela hegemonia do mesmo. Destacamos como grande exemplo das lutas deste período, os embates entre a FEB e a “Liga Espírita do Brasil”⁴, ambas com o objetivo de unificar o movimento espírita em âmbito nacional (SANTOS, 2004, 68 – 69).

A década de 1940 caracterizou-se pelo crescimento em importância e influência no interior do campo espírita brasileiro por parte das federações dos estados de Minas Gerais, Rio Grande do Sul e São Paulo. Todas convocaram encontros e congressos buscando a unificação do movimento tanto a nível estadual como nacional (SANTOS, 2004, 68 – 69). Em outubro de 1949, após a realização de inúmeras reuniões entre dirigentes espíritas de várias federações estaduais e nacionais, finalmente durante a realização no Rio de Janeiro do “Segundo Congresso da Confederação Espírita Pan-

¹ Apoiados nos escritos de Canuto Abreu e Emerson Giumbelli, para nós os “científicos” seriam aqueles adeptos do Espiritismo que apoiam seus estudos, exclusivamente, no “O Livro dos Espíritos” e “O Livro dos Médiuns”. Já os “místicos” seriam aqueles que estudam os livros citados, porém, dão ênfase maior ao “O Evangelho Segundo o Espiritismo” e demais livros escritos por Kardec.

² Kardecistas seriam aqueles que se limitam a prática do Espiritismo adotando somente como referências os livros de Kardec e algumas obras subsidiárias e/ou complementares.

³ Por Roustainguismo entendemos a doutrina formulada por Jean Baptiste Roustaing (1805 – 1879) através de seu livro “Os Quatro Evangelhos” publicado a primeira vez em maio de 1866 em Paris, França.

⁴ Fundada em 31 de março de 1926, durante o Primeiro Congresso Constituinte Espírita Nacional, realizado na cidade do Rio de Janeiro. Posteriormente denominada: Federação Espírita do Estado do Rio de Janeiro. Conforme: Cinquentenário do Pacto Áureo. **Reformador**, Rio de Janeiro, n.2047, p. 7, out. 1999 e sítio do CEERJ < Disponível em: <http://www.ceerj.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=20&Itemid=34>. Acessado em 01/07/2010.

americana (CEPA)⁵, foi assinado um acordo para tentar por fim às históricas divergências que ocorriam no Movimento Espírita, o qual posteriormente passou a ser conhecido como Pacto Áureo, reunião denominada pela revista Reformador⁶ como: “o evento de mais alta significação da história do espiritismo brasileiro”⁷ (Reformador n.2047, 1999, 3 – 12).

A segunda metade do século XX foi caracterizada pela tentativa da FEB em consolidar-se como a instituição detentora de maior capital simbólico do campo espírita brasileiro. Para tanto, já em 1950, um ano após à assinatura do pacto criou o Conselho Federativo Nacional (CFN)⁸ e desenvolveu grande esforço no sentido de sua implementação e consolidação. Nesse sentido, notabilizando-se a “Caravana da Fraternidade”, realizada no mesmo ano, a qual visava ao esclarecimento dos objetivos traçados pelo Pacto Áureo, tendo visitado onze Estados das regiões norte e nordeste do país (MACHADO, 2010).

As décadas seguintes, 1960 e 1970, distinguem-se pelas realizações de simpósios regionais comandados pela FEB nas regiões norte, nordeste, centro e sul do Brasil e pela criação dos Conselhos Regionais na busca de uma maior centralização e uniformidade dos trabalhos em torno das diretrizes da FEB (FEB/CFN, 2010,13 – 19).

Na década de 1980 encontramos a FEB empenhada na formulação de textos voltados a unificação do movimento e a intensificação dos cursos e apostilas referentes aos Estudos Sistematizados da Doutrina Espírita – ESDE (FEB/CFN, 2010, 13 – 19).

Nos anos 1990 vemos o empenho da FEB na divulgação do Espiritismo através da confecção e distribuição de material informativo, culminado com o lançamento da Campanha de Divulgação do Espiritismo em 1996. Ao final da década (1999) realizou-

⁵ A CEPA – Confederação Espírita Pan-americana é uma instituição de caráter federativo e associativo, integrada por entidades espíritas de diversos países. Sua fundação ocorreu no dia 5/10/ 1946, durante o primeiro Congresso Espírita Pan-Americano, realizado na cidade de Buenos Aires. Conforme **CEPA**. Disponível em: <http://www.cepainfo.org/sitio/index.php?option=com_content&view=article&id=93Ao-que-e-a-cepa&catid=22%3A-historia-&Itemid=29&lang=pt>. Acessado em 30/07/2010.

⁶ A revista Reformador, fundada em 21 de janeiro de 1883, ainda em circulação, é o órgão oficial de divulgação da FEB desde a sua fundação em 1º de janeiro de 1884.

⁷ Cinquentenário do Pacto Áureo. **Reformador**. Rio de Janeiro, n.2047,p. 7,out. 1999,p.3 – 12.

⁸ O CFN é o órgão de Unificação e da Organização Federativa da Federação Espírita Brasileira. Exerce funções deliberativas, normativas, orientadoras, coordenadoras e supervisoras em nome da FEB. Disponível em: http://www.febnet.org.br/site/movimento_brasil.php?SecPad=24&Sec=272. Acessado em 30/07/2010.

se em Goiânia o 1º Congresso Espírita Brasileiro, objetivando a comemoração do Cinquentenário do Pacto Áureo e também a maior divulgação do Espiritismo (FEB/CFN, 2010, 13 – 19).

Como mencionamos acima, em outubro de 1949 foi assinado o Pacto Áureo entre várias federações estaduais das regiões sul e sudeste brasileiro e no ano seguinte uma comissão saiu em viagem pelas capitais das regiões nordeste e norte do país a fim de divulgar os propósitos do Pacto e fazer com que as federações destes estados aderissem ao modelo proposto pela FEB. Embora o Pacto Áureo seja exaltado nos tempos atuais como ação vital para o desenvolvimento da história do Espiritismo nacional, conforme preceitua a FEB e as entidades a ela filiadas, como pudemos verificar ao longo dos anos de 2008 e 2009, quando o primeiro ano foi usado para a preparação dos festejos e o segundo para de fato celebrar com inúmeros eventos comemorativos a passagem do sexagésimo aniversário de sua instituição, longe encontra-se da unanimidade em relação aos benefícios e/ou malefícios por ele proporcionados ao Espiritismo Brasileiro.

Podemos distinguir tanto as federativas estaduais, quanto os centros espíritas como órgãos que possuem caráter essencialmente político e como tal configuram-se como palco do confronto de idéias. Assim, desde o advento do acordo, alguns importantes intelectuais e dirigentes espíritas como José Herculano Pires, Deolindo Amorim e Júlio Abreu Filho, citados aqui apenas como exemplo, foram contrários a sua assinatura e posterior consolidação. Desta forma, encontramos-nos diante daquilo que Chartier denominou de luta de representações, onde diversos integrantes do campo espírita brasileiro batalham pela imposição de suas representações e apropriações aos demais componentes deste mesmo campo.

Logo de início na imprensa espírita, dois periódicos assumiram posições contrárias ao acordo: "O Poder" e "Almenara". O primeiro fundado em Belo Horizonte por Arlindo Correia da Silva, no ano de 1947. Arlindo Silva foi um dos primeiros a criticar o Pacto, através de uma série de artigos contra o novo plano federativo em 1952, ficando conhecido no meio espírita, por ser o responsável pelo trocadilho "Pato Áureo" utilizado até os dias de hoje quando se quer depreciar o acordo (QUINTELLA, 39 – 40; MACHADO, 2010, 351 – 370). O segundo foi fundado no Rio de Janeiro, em 1952, por Antonio Pereira Guedes e possuía uma linha editorial ainda mais combativa em relação

ao pacto. Por cerca de oito anos, esse jornal lutou incessantemente contra a FEB, o CFN e a doção da obra de Roustaing (QUINTELLA, 39 – 40).

O jornalista, escritor, sociólogo e intelectual espírita, Deolindo Amorim, fundou em dezembro de 1957 o ICEB – Instituto de Cultura Espírita do Brasil, instituição de grande prestígio e capaz de exercer grande influência no estudo e divulgação do Espiritismo, com sede no Rio de Janeiro (EspiritNet, 2010; CENTRO ESPÍRITA ISMAEL, 2010), no livro “Idéias e Reminiscências Espíritas” escreveu:

Em 1949, por exemplo, quando a Liga Espírita do Brasil aceitou o Acordo de 5 outubro. Acordo que se denominou, depois, "Pacto Áureo", tomei posição contrária à de Aurino, votei contra a resolução, porque não concordei com o modo pelo qual se firmara esse documento. E o fiz em voz alta, de pé, na Assembléia, com mais doze companheiros, que pensavam da mesma maneira. Votação descoberta. Embora sinceras, com toda a pureza de intenções, as razões de Aurino em defesa do Acordo não me convenceram. Votei contra para ser fiel a uma convicção (AMORIM, 1980, 140).

Muitos anos depois, em setembro de 1983, através de carta enviada ao pesquisador espírita Mauro Quintella, Deolindo Amorim reafirmou sua posição em relação ao Pacto:

Fui contra o acordo de 49, depois chamado de Pacto Áureo, porque não concordei com a forma, o modo político (grifo de Amorim) pelo qual se realizou o plano, trabalhando em segredo. Não houve assembléia antes. Tudo já veio preparado (QUINTELLA, 36).

O jornalista, poeta e escritor espírita José Herculano Pires (RIZZINI, 2001,45 – 56) ao comentar a respeito das observações de Júlio Abreu Filho sobre a atuação da FEB, em seu livro “O Verbo e a Carne” expressou de forma categórica sua opinião sobre o Pacto Áureo e a atuação do Conselho Federativo Nacional:

O movimento de unificação foi seriamente atacado pela FEB e o pacto áureo só foi possível graças à humildade, tolerância e insistência dos espíritas paulistas, tendo à frente Pedro de Camargo (Vinícius), cujo prestígio venceu a FEB. Mas, para aceitar a unificação, ela exigiu a criação de um conselho nacional sob seu controle. Esse órgão, o Conselho Federativo Nacional, deformou o espírito do movimento de unificação e erigiu-se numa espécie de colégio cardinalício, emitindo bulas sobre questões doutrinárias (PIRES; ABREU FILHO, 1973,13 – 15).

Em outros termos Herculano Pires nas páginas do jornal Mensagem em artigo sobre os 25 anos da assinatura do pacto declarava:

Vinícius, que era uma alma pura, sonhava com a ligação da FEB ao movimento de unificação. Arquitetou e conseguiu realizar essa ligação, mas teve de pagar o preço do pacto-áureo. Instalou-se no Rio o Conselho Federativo Nacional (órgão da FEB) e tivemos a primeira eclosão dos

instintos vaticânicos. O Conselho começou a baixar bulas papalinas sobre questões doutrinárias, a conceder licenças para a realização de concentrações e congressos, a negar aos jovens o direito de deliberar em seus movimentos, como aconteceu num congresso de jovens realizado em Marília, com a presença de um “fiscal do Templo de Jerusalém”. O Conselho chegou mesmo a baixar uma bula em que declarava que “todo umbandista é espírita, embora nem todo espírita seja umbandista”, uma sutíliza tipicamente jesuítica, do mais forte sabor bizantino. Desencadeado os instintos vaticânicos do Conselho Federativo Nacional, foi um deus-nos-acuda e ninguém mais conseguiu detê-los. Afastado Wantuil de Freitas da direção da FEB, substituiu-o Armando de Assis, que continuou reinando (PIRES, 1975, 3).

O historiador, geógrafo, escritor e orador espírita, Erasto de Carvalho Prestes, ex-primeiro-secretário da Associação de Divulgadores do Espiritismo do Rio de Janeiro, em seu site “O Franco Paladino”, combate de forma expressa aquilo que denomina de “Roustainguismo da Federação Espírita Brasileira”, comenta sobre a assinatura do Pacto Áureo:

O que houve, na verdade, foi um conchavo, e não uma assembléia geral, adrede convocada para deliberar sobre o assunto em pauta. Por isso mesmo, muitos confrades ilustres, não só fizeram sérias críticas a esse documento como o repudiaram abertamente. E foi, justamente, o primeiro item (do pacto) o causador da desaprovação. Isto porque nesse livro (Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho) de Humberto de Campos (Espírito), psicografado por Chico Xavier, prefaciado por Emmanuel (Padre jesuíta Manoel da Nóbrega), publicado pela FEB roustainguista, está escrito que Roustaing foi “coadjutor” de Allan Kardec, encarregado de “organizar o trabalho da fê” (pág. 176 da 11ª edição), o que constitui uma grande e deslavada mentira (PRESTES, 2010).

Gélio Lacerda da Silva foi presidente da Federação Espírita do Estado do Espírito Santo (FEEES) por dois mandatos consecutivos (1980 a 1986), no seu livro “Conscientização Espírita” ao tratar do Conselho Federativo Nacional da FEB e sua constituição relata que o jornalista Luciano dos Anjos, ligado a direção da FEB, escreveu sobre o Pacto Áureo:

o Sr. Wantuil de Freitas, instado a receber os representantes estaduais, desejosos de convidar a FEB para assumir a coordenação do movimento espírita brasileiro, depois de insistentes pedidos concordou em recebê-los. O encontro teve desfecho rápido: o Sr. Wantuil de Freitas tirou do seu bolso o documento contendo as condições impostas pela FEB, que foram aceitas pelos representantes, sem discussão. Nisso se resume a “Grande Conferência” do Rio de Janeiro, de 05.10.49, “grande” nos seus danos ao Espiritismo, pela perigosa influência da FEB com o seu antidoutrinário roustainguismo. Assim nasceu o Conselho Federativo Nacional, cognominado “Pacto Áureo”, que, diga-se honestamente, repetindo, não passa de inexpressivo departamento da Federação Espírita Brasileira, que não tem poderes sequer de eleger seu próprio presidente: o da FEB o dirige, em regime vitalício (SILVA, Gélio, 1995,161).

O ex-presidente da FEEES ainda em seu livro relatou a respeito do Pacto Áureo uma conversa que teve com Juvanir Borges de Souza, vice-presidente da FEB, ao término da reunião do CFN, em Brasília, em 1980, presidida por esse último, a respeito da assinatura do pacto:

houve um “acordo de cavalheiros” entre a FEB e os poucos representantes estaduais, protagonistas do documento assinado em 05.10.49, segundo o qual não se cogitaria de Roustaing no CFN, o que equivale dizer: naquele Conselho só se falaria do Espiritismo autêntico, kardecista.

Mas a FEB, com a astúcia que lhe deu Roustaing, rompeu o “acordo de cavalheiros” já no item 1º do primitivo Regulamento do então criado Conselho Federativo Nacional, assim redigido:

“Cabe aos espíritas do Brasil porem em prática a exposição contida no livro “Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho”, de maneira a acelerar a marcha evolutiva do espiritismo.”

E o livro norteador do movimento espírita brasileiro, nada mais nada menos, enaltece o sistema federativo unilateral da FEB, seu programa doutrinário (roustainguista!), apresenta o “Anjo” Ismael, guia da FEB, como preposto de Jesus, com quem Ismael conversa com intimidade e de quem recebe a missão de implantar o pseudo-espiritismo roustainguista no Brasil e, para completar o seu florilégio para a FEB, Humberto de Campos diz que Roustaing “organizaria o trabalho da fé” (SILVA, Gélío, 1995,161).

Leopoldo Machado, jornalista, professor, escritor e orador espírita, responsável pelo batismo do acordo de 1949 como Pacto Áureo, em consonância com o pensamento da FEB, defende o pacto e o CFN, externando o porquê de seu apoio incondicional ao mesmo afirmando:

Sim, acreditamos sinceramente. Acreditamos no Pacto Áureo, exatamente por não ser obra dos homens, mas de Espíritos luminosos. Espíritos que inspiraram, também, a Caravana da Fraternidade. Ademais, se foram Espíritos bons que inspiraram um e outra, os homens que se lhe entregam têm, mercê de Deus, uma fé de ofício que os acredita para a conservação do depósito divino (MACHADO, 2010, 352).

Não nos cabe aqui neste espaço discutirmos a relevância e a utilização do Pacto pela FEB, visto que a importância do acordo de 1949 é incontestável tanto para aqueles que o apóiam, quanto para os que o encaram como um mal para o Movimento Espírita Brasileiro. A sua utilização por parte da FEB requer um estudo bem mais aprofundado e longo, portanto, foge ao espírito desse trabalho ora apresentado.

O que nos chama atenção apenas observando estes poucos exemplos citados acima é a noção do que seja a palavra “pacto”, deste modo, fomos buscar no dicionário seu entendimento corrente e encontramos: “substantivo masculino: 1 ajuste, contrato,

convenção entre duas ou mais pessoas; Etimologia: lat. pactum, i'ajuste, acordo, convenção, pacto”.

Portanto, na acepção encontrada pode um pacto ser imposto, obrigado? O que temos observado no Movimento Espírita é a tentativa por parte da FEB em se impor como a instituição possuidora do maior capital simbólico e procurando atuar no interior do campo espírita como porta-voz autorizado⁹. Em virtude desse comportamento da FEB e daqueles contrários a sua tentativa de submeter o campo à sua hegemonia é que perguntamos QUE PACTO É ESSE? Assim, nos propomos a analisar essa problemática num estudo que agora encontra-se em seus passos iniciais, cujas ideias apresentamos nesse fórum.

Referências Bibliográficas

AMORIM, Deolindo. **Idéias e Reminiscências Espíritas**. Juiz de Fora: Instituto Maria Departamento Editorial, 1980.

BERGER, Peter L. **O Dossel Sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 1985.

ABREU, Canuto. **Bezerra de Menezes**: subsídios para a História do Espiritismo no Brasil até o ano de 1895. São Paulo: FEESP, 1991.

CENTRO ESPÍRITA ISMAEL. **Deolindo Amorim**. Disponível em: <<http://www.ceismael.com.br/bio/biografia-deolindo-amorim.htm>>. Acessado em 16/03/2011.

CHARTIER, Roger. **A historia cultural entre praticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa [Portugal]: Difel, 1990.

Cinqüentenário do Pacto Áureo. **Reformador**. Rio de Janeiro, n.2047,p. 7,out. 1999.

ESPIRIT NET. **Deolindo Amorim**. Disponível em: <<http://www.espiritnet.com.br/Biografias/biogdeol.htm>>. Em 16/03/2011.

FEB/CFN. **Orientação aos Órgãos de Unificação**. Rio de Janeiro:FEB, 2010.

GIUMBELLI, E. **O cuidado dos mortos**: Uma história da condenação e legitimação do Espiritismo, Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 1997.

MACHADO, Leopoldo. **Caravana da Fraternidade**. Rio de Janeiro:FEB, 2010.

⁹ Quando nos reportamos à noção de porta-voz autorizado, recorreremos a Bourdieu a fim de entendermos esta posição da FEB no interior do campo espírita, quando ele define: “O porta-voz autorizado é aquele ao qual cumpre, ou cabe, falar em nome da coletividade, é ao mesmo tempo seu privilégio e seu dever, sua função própria, em suma, sua competência (no sentido jurídico do termo). BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas lingüísticas**: o que falar quer dizer. São Paulo: USP, 1996. p. 81 – 128.

PIRES, J. Herculano. **Os 25 anos de Pacto Áureo**. Mensagem. São Paulo – SP. Fev 1975. Ano I n° 1.

PIRES, J. Herculano; ABREU FILHO, Julio. **O verbo e a carne**: 2 análises do roustainguismo. São Paulo: Edições Caibar, 1973.

POULAT, Émile. **L'Église, c'est un monde**. L'Wcclésiosphère. Paris : Le Cerf, 1986.

PRESTES, Erasto de Carvalho. **Pacto Áureo**. Disponível em: <<http://www.ofrancopaladino.pro.br/>>. Acessado em: 13/09/2010.

QUINTELLA, Mauro. **História do Espiritismo no Brasil**. pp. 27 – 30.

RIZZINI, Jorge. **J. Herculano Pires**: O apóstolo de Kardec. São Paulo: Editora Paideia, 2001.

SANTOS, José Luiz dos. **Espiritismo**: uma religião brasileira. Campinas: Editora Átomo, 2004.

SILVA, Gélvio Lacerda da. **Conscientização Espírita**. Capivari-SP: EME Editora, 1995.